

LEONARDO KOURY MARTINS

ENSAIO DISCURSIVO

CONCEPÇÕES ACERCA DE UMA NOVA ORDEM SOCIETÁRIA



NÚCLEO DE ESTUDOS E FORMAÇÃO POLÍTICA

Rosa Luxemburgo

LEONARDO KOURY MARTINS

ENSAIO DISCURSIVO

CONCEPÇÕES ACERCA DE UMA NOVA ORDEM SOCIETÁRIA



“O passado não se pode ser considerado como exemplo,
é lição para se meditar, não para se reproduzir.”

Mário de Andrade
Semana de Arte Moderna - 1922

APRESENTAÇÃO:

O Núcleo de Estudos e Formação Política - Rosa Luxemburgo apresenta o **Ensaio Discurso: Concepções acerca de uma nova ordem societária** como proposta de dialogar sobre as diversas correntes ideológicas que contestam as relações sociais e econômicas produzidas no modelo capitalista.

O Ensaio Discursivo iniciasse sobre a metáfora do "Grão", semente de tamanho minúsculo porém coletivamente visível e significativa. Sua metáfora dialoga com a ideia de indivíduo e sujeito e as concepções frente a Violência, Educação e Relações Sociais percebidas nas suas diversas interfaces.

Organizar perspectivas para romper com o atual modo de produção vigente é uma responsabilidade daqueles que buscam na sua "práxis cotidiana" caminhos para a construção de um novo mundo, acreditando que o mesmo é possível.

Leonardo Koury Martins é assistente social, autor de dois livros: *O começo da história* e *Arte em Movimento*. O autor busca dialogar com os/as leitores/as sobre essas concepções libertárias e emancipatórias, indissociáveis a quem acredita em um modelo de sociedade não reproduzidor da relação marcada entre oprimidos e opressores.

SUMÁRIO

O Grão.....	6
Considerações acerca da existência.....	8
Entre a singularidade e a complexidade.....	10
O olhar ingênuo da construção humana na sociedade capitalista.....	12
O possibilitar de ações transformadora por uma nova ordem mundial.....	15
Uma nova Ordem Societária necessita de uma outra concepção.....	20

O GRÃO

Começaremos partindo do pressuposto que iremos dialogar entre um grão. Poderia ser uma célula, um pedaço de nós, algo unitariamente construtivo para que na nossa singularidade possamos discursar sobre as relações que tecemos e propiciamos aos outros seres humanos ao longo de nossa vida.

Gostaria de dizer sobre este grão, vamos chamá-lo assim, este pedaço de “algo do mundo” que não nasceu sozinho e menos ainda passaria por todo seu percurso sem ser percebido ou considerado. O grão, algo que por mais invisível nos caberá uma série de possibilidades discursivas acerca da visibilidade e invisibilidade de nossas atitudes frente a algo tão macro e ao mesmo tempo tão imperceptível aos olhos.

Necessariamente este grão poderia simbolizar o momento em meu sonho que me causou um incomodo enorme. Estava a dormir, mas não poderia ficar dormindo enquanto eu o percebia tão interessante e fundamentalmente analógico em toda a sua interface.

Enfim, acordei com um sonho e com o compromisso de torná-lo realidade. Não poderia viver dormindo sabendo de que um grão de mim ou do mundo tem algo tão expressivo para dizer, se ver e também ser visto.

Na sua menoridade de grão, assim muitas das vezes percebemos os ideais frente aos desafios do mundo capitalista, modo de produção do que podemos transformar.

Entre o Lucro, a Mercadoria, o Exército industrial de reserva, a desigualdade socialmente e economicamente produzida e tantas outras interfaces que coletivamente neste mundo estamos dispostos, o grão para mim foi à oportunidade de testar minha responsabilidade com esta transformação.

É indiscutível que no tempo pós-moderno a própria idéia construída frente a alguns filósofos sobre a modernidade suprime o desejo e a simplicidade de pensarmos em um grão. Porem na ânsia de propiciar uma discussão acerca de sua inferioridade frente às coisas do mundo, como olhar o grão em sua complexidade.

CONSIDERAÇÕES ACERCA DA EXISTÊNCIA

Gostaria de se possível descrever um grão e ao longo deste artigo dialogar sobre as demais descrições que a este grão simbolizaria.



Este seria o nosso grão, simplificado em sua interface esférica aparentemente imodificável. Porém não apenas o grão, mas nada na vida passa por longas datas sem algum tipo de alteração. Impossivelmente diríamos que vivemos longos anos ou apenas dias sem que o mundo nos transformasse ou transformássemos o mundo.

Seria não apenas o papel do grão, mas o papel de qualquer objeto disposto a ter existência. Existir seria sair da possibilidade de não acrescentar nada, que fosse seu espaço ocupado pelo corpo a ocupar que seja este espaço.

Seria incorreto perceber a existência na simples condição de não ocupar nem o seu próprio espaço e no momento em que se ocuparia não modificar nada a sua volta. O território e toda relação humana que nos cerca é modificável a qualquer relação humana ou não humana em que ocupemos que seja através do corpo ou pelo simples ato de pensarmos.

O que seria este grão já que partimos do pressuposto que assim como nós seres humanos vivos dotados de encéfalo desenvolvido e polegar opositor não apenas existimos, mas o existir já nos traz a condição de mudarmos e sermos mudados.

O grão na sua simplicidade pode nos trazer a qualquer um de nós seres humanos ou não, a possibilidade do rumo dos ventos.

Através do espaço que nossos corpos ocupam ou até mesmo da história, esta modificada através da construção na qual coletivamente fazemos quando pensamos e podemos ser mais do que algo ocupável o espaço presente no território vivido.

ENTRE A SINGULARIDADE E A COMPLEXIDADE

Gostaria de dialogar sobre uma segunda visão do grão, uma visão do grão não agora como sujeito, com a singularidade que o permite, mas enquanto mundo. Algo que seja maior do que si próprio e passível de ser modificado pela singularidade de diversos atores numa existência coletiva.



Diferentemente da primeira descrição que comprometia o grão em uma interface singular ainda não modificada ou modificadora, este grão agora passaria a simbolizar outra interface, a interface de existência coletiva, a possibilidade de ser visto enquanto mundo.

Por sua vez o grão visto enquanto interface coletiva na qual socialmente foi modificada pelos diversos pensamentos, pelas relações econômicas produzidas e por toda complexidade que o cerca se tornou diferente, como se socialmente pudéssemos perceber estas tais diferenças produzidas por todos nós.

A grande questão que está acerca de um grão que não é mais visto apenas pela sua singularidade, mas por estar em um contexto coletivo pode-se perceber que sua existência entre autoria e também enquanto expectador teve sua esfera transformada.

O perceber este grão enquanto mudança, o valendo de ser coletivamente transformado e transformador podemos partir do pressuposto de que a sociedade muda, portanto as mudanças são inerentes da nossa condição, do nosso espaço.

Por menos que tentamos modificar o nosso entorno, o simples fato de existir já o transforma, a condição da territorialidade que traz a cena pública à singularidade e a complexidade enquanto norteadores de uma mudança pressupondo sujeitos sociais coletivos e não coletivos faz com que cada marca de um grão seja socialmente produzida.

Portanto, o porquê de chegar a pensar que este mundo simbolizado em algo tão minúsculo poderia discursar sobre uma transformação passível de outra ordem societária?

De pensar em um grão coletivamente existido e transformado e que seu papel de condição atual, evolução e revolução dialeticamente se intercalam a transformasse na síntese no nosso objeto.

O OLHAR INGÊNUO DA CONSTRUÇÃO HUMANA NA SOCIEDADE CAPITALISTA

O grão por sua existência poderia simbolizar um problema simples as nossas hipóteses. Dou ao grão como exemplo o pensar coletivo na ótica da violência ou da educação ou até mesmo a relações sociais diversas.

Por mais que possamos perceber a violência como algo socialmente produzido como também economicamente produzido, o grão modificado, com o risco acerca de sua esfera poderia ser visto na ingenuidade de que se deve combater tamanha modificação, numa proposta positivista de anular o risco nele inserido. Acabar com a violência seria possibilitar ao grão o fim da marca ao mesmo grão coletivamente e singularmente construída.

Na existência deste grão e no poder ser visto também com o olhar ingênuo nas relações que se possibilitam processos educativos, as contradições dos diferentes entendimentos pedagógicos devem ser suprimidos por um grande olhar, trazendo ao grão o fim da pluralidade intelectual que o permeia fazendo este que em sua vivência adquiriu sua própria marca para uma marca homogenia.

O corrigir tais imperfeições acerca do corpo deste grão passaria mais do que o simples fato de propiciar a sua interface esférica a volta de sua condição original. A proposta da nossa atual ordem societária, o capitalismo, busca as diferenças apenas na lógica mercadológica e a desigualdade no motriz de sua existência.

Estes aspectos não são silenciosamente desconsiderados para que possibilitemos uma pacificação de nossa própria condição trazendo ao grão a imprópria condição de se perceber enquanto modificado.

Não cabe ao grão o pensamento de que seu corpo se transformou seja através de marcas visuais ou intelectuais, mas o cabe perceber que o grande norteador de uma condição harmônica somente existirá se o mesmo abrir mão de toda sua percepção enquanto ser transformado e transformador.

O que bastaria às relações sociais seria propiciar mais ainda ingenuamente aos diversos atores que possibilitam o grão sua existência coletiva e singular a aniquilação das diferenças, as confundindo inicialmente enquanto desigualdade, porem possibilitando na ação pacificadora algo mais perverso do que sua singela correção.

Ao grão cabe na construção de nossas relações sociais a perversa condição de apenas mais um grão e não a possibilidade de ser reconhecido enquanto ser social e menos ainda na condição de ser visto coletivamente em si e para si.

A realidade o transforma para que o mesmo não possa ser percebido nos devaneios de toda uma forma comunicativa pujante que o padroniza e hora o transforma em mão de obra, hora em consumo ou consumidor, tudo a desejo do mercado a que está exposto.

O POSSIBILITAR DE AÇÕES TRANSFORMADORAS POR UMA NOVA ORDEM MUNDIAL

Agora olhemos novamente o grão, mas sanado de toda ingenuidade e num contexto ideológico que nos possibilite perceber as interfaces de sermos construtores e construídos historicamente numa possibilidade de que sejamos levamos a condição não apenas de expectadores, mas de protagonistas no sentido mais coletivista da palavra.



Antes e o Depois



Entre o antes e o depois, as marcas visuais ou intelectuais que cercam ao grão em sua existência. Vamos novamente ao diálogo sobre os mesmos paradigmas que antes ingenuamente poderíamos ver e que nossa atual ordem societária nos permite serem vistas.

As condições da violência, da educação e das relações sociais não mais passariam a serem consideradas normais ou anormais; certas ou erradas; positivas ou negativas na ótica de que verdade e não verdade são pontos de vista historicamente construídos e defendidos entre dominados e dominantes.

Neste aspecto é importante ressaltar que para perceber esta concepção, torna-se fundamental a idéia de que transformamos mais do que apenas o calor humano, na relevância das nossas atitudes, inclusive a atitude de ficarmos sujeitos a nos crer neutros diante dos fatos.

A neutralidade consideravelmente nos torna omisso da modificação dos fatos expostos e nos traz a marca de contrariamente poderíamos acreditar que não tivemos nada com o acontecido partimos do contrário. Que pela nossa neutralidade prejudicamos a possibilidade de uma transformação construtora de possibilitar igualdade ou reconhecer diferenças, estas diferenças são contrárias a lógica da desigualdade.

A relação entre igualdade e diferenças traz em sua relação conjunta a diversidade humana e a possibilitar de se romper com os propósitos ingenuamente pacificadores entendendo que por sermos atores de uma construção societária estamos naturalmente dispostos ao conflito.

Para podermos pensar na violência enquanto uma das categorias de análise que propomos ao pensar na exemplificação do grão enquanto objetivo a ser analisado, se deve compreender a condição do contexto e que informações temos sobre violência.

Consideramos violência algo desarmônico, necessária de ser combatida, construída por atores singulares que em seu propósito individual a constroem por algo ou alguém, que a mesma existe no desejo de prejudicar o violentado.

Por mais que possamos perceber a violência em outros aspectos, seu contexto mais considerado seria este, o que a traz de forma inaceitável sobre qualquer outra questão levantada.

A violência por si também deve ser vista por diferente de outros seres vivos produzida apenas por seres humanos. Tratada não apenas no olhar da criminalização e passível do controle estatal por meio de políticas públicas ou pela segurança pública.

Seu manifesto ocorre propriamente quando a relação entre igualdade é considerada como caráter obrigatoriamente homogêneo e que as diferenças são classificadas como desigualdades.

Entre estas desigualdades poderíamos simplificar em dois aspectos, a relação social intolerante de não perceber a relação complementar das diferenças, mas a segregação social, cultural, intelectual, religiosa, física, de gênero e sexualidade entre tantas como necessária para a construção pacífica da sociedade. Esta vista num olhar superior de indivíduos e não de sujeitos sociais.

Podemos também perceber a violência no seu manifesto econômico, o mesmo levado a considerar que sua relação também de segregação social já que existimos em uma sociedade de classes e esta divididas classicamente entre produtores e donos da produção, detentores do capital e explorados construtores da mais-valia. O mesmo que historicamente se dividiam entre reis e plebeus, imperadores e servos.

A relação econômica traz inicialmente a maior de todas as violências, a mesma que caracteriza os que pelo poder econômico terão direito a alimentação, pressuposto básico para continuidade da vida e os que morreram por não terem condições econômicas que seja para sua própria existência.

A violência que seres humanos estão expostos que constrói em todo âmbito vivido a produção do crime organizado e ou não organizado, a corrupção, a violência individual na ânsia de conquistar algo material muitas vezes não necessário para a sobrevivência, porem desejado pelo fetiche do capital.

Porem a violência enquanto categoria não pode ser compreendida por uma perspectiva crítica se não percebida no conflito, este sim propulsor da condição social e econômica historicamente construída.

Bem como a violência, desprovido de qualquer olhar despolitizado dialoguemos sobre a Educação e sua relação na também construção do mundo.

A Educação por sua vez passível de diversas correntes pedagógicas pode ser entendida como propulsora do diálogo humano. Fundamentada entre as relações entre diferentes sujeitos.

A grande questão é que a mesma entre suas diferentes correntes não pode ser considerada na prerrogativa de reprodução social e menos ainda vista na proposta de que a única forma de conhecimento está na educação formal.

A educação também não pode ser colocada no patamar solitário de mudar o mundo, porém sua construção deve partir da possibilidade do diálogo entre educandos e educadores não apenas com o que se materializa o agora, mas na proposta dialética de outra construção.

O que fará o grão perceber que singularmente existe e por provocar e ser provocado coletivamente a perceber sua marca, risco existido em seu espaço é a condição libertária que esta educação se faz na possibilidade de perceber o sujeito presente em todas as relações com o mundo.

Não se pode haver tamanho esforço por meio do diálogo se o mesmo não for percebido como educativo e provocador de transformação, como não cabe ao presente uma reprodução do passado, mas a possibilidade de produzir um novo futuro.

UMA NOVA ORDEM SOCIETÁRIA NECESSITA DE OUTRA CONCEPÇÃO

Para que possamos pensar em uma Nova Ordem Societária, a mesma indissociável da diversidade humana e da igualdade de condições traz a necessidade de uma concepção clara, predisposta a transformação e impassível da neutralidade.

Para que iria servir a neutralidade se a mesma além de não ser neutra apenas consegue manter a desigualdade exposta entre sujeitos sociais na busca de uma possível desconstrução daqueles que querem mudar a ordem vigente.

Olhar o grão por sua primeira condição de intocado e depois não perceber que sua marca se faz da constate possibilidade de transformação é propiciar o desejo da calma social e considerar que cada movimentação pelo manifesto a mudança uma afronta ao desejo coletivo de continuidade.

A marca de um grão assim como as relações sociais impulsionada pela cultura, lazer, religião e administrada pelo aspecto econômico em que se traduz uma sociedade de classes traz tanto ao grão quanto a nós seres humanos a possibilidade de sermos vistos como apenas reprodutores ou como transformadores.

Estes dois possíveis papéis, o que se possibilita ser visto como reprodutor e o que na coragem se faz transformador tem a mesma condição de mudar mudança, portanto um na construção da continuidade da ordem burguesa e outro em possibilitar aos oprimidos um novo papel frente à desigualdade posta pelos opressores.

Sair da condição de oprimido somente é possível quando se percebe que o problema não está na sua marca, mas na possibilidade de passivamente ser marcado seja pela condição educativa imposta na lógica de reproduzir a realidade ou na violência propiciada pelas relações construídas pelo capital.

O que pode diferenciar as atitudes, antes mesmo delas se formarem em ação, seria a concepção apropriada. Entre os diversos ideários, não creio em algum que possa mudar a Ordem Societária se o mesmo não estiver disposto a uma ação que não fosse pautada no conceito de práxis que se origina de ação transformadora. Nada que apenas conserva, pacifica, reproduzir pode transformar a si próprio quanto menos mudar as relações no mundo.

Cabe mudar a idéia de conservar, pacificar e reproduzir para a idéia de alterar as relações sociais hoje construídas pela desigualdade em uma ordem equânime entre sujeitos, porem que essa igualdade não simbolize a padronização e que possa existir na expressão da diferença.

Que pacificar e reproduzir possam ser pensados na condição de violentamente produzir a contestação do exposto. Que nesta contestação exista entre todas as relações territorialmente construídas a possibilidade do conflito, pois longe deste apenas existirá a reprodução da idéia de homogeneidade.

Que a igualdade não descaracterize a diferença, e a mesma se faz na identidade assim como o grão percebe que sua marca se fez tanto do atingir o mundo quanto do ser atingido possa possibilitar o mesmo o entendimento que sua condição libertária traz a condição coletiva de mudança.

O diálogo humano nos princípios de uma educação libertária se aponta no conflito em que as relações compreendidas no seu contexto coletivo de uma sociedade de classes não pode ser passiva a opressão e deve-se optar pelo lado de uma maioria oprimida por todos aspectos existentes.

Não me dou no direito de grão de deixar de ter as marcas historicamente produzidas e nem mesmo me deixo voltar ao passado, porem desejo que minhas marcas sejam o impulso da constante transformação que ao meu corpo me dou. Não desejo ser visto pela minha singularidade quando me percebo enquanto coletivo e não desejo coletivamente ser visto quando meu olhar pode ser único frente minha ação. O que me cabe não é estar a esperar que os outros apenas me mudem, mas ser mudado pelos outros como os mudo pela minha ação.



Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons. Você pode copiar, distribuir, exibir, executar, criar obras derivadas, fazer uso comercial da obra, desde que seja dado crédito ao autor original (Reservado ao autor: Leonardo Koury Martins pela *lei de Direito Autoral (n.º 9610/98)*) e as obras derivadas sejam compartilhadas pela mesma licença.

ENSAIO DISCURSIVO
CONCEPÇÕES ACERCA DE
UMA NOVA ORDEM SOCIETÁRIA

LEONARDO KOURY MARTINS



NÚCLEO DE ESTUDOS E FORMAÇÃO POLÍTICA

Rosa Luxemburgo